

Educação após Nova York

No dia 11 de setembro de 2001, estava em minha casa e comemorava naquele dia o aniversário de minha mãe. Por acaso, abri a televisão e vi o segundo avião derrubando as torres gêmeas. Até achei que fosse reprodução de cena de um filme. Passados tantos anos, não consigo tirar da minha cabeça o desespero das pessoas em chamas, sendo jogadas e se jogando no alto dos prédios. Não quero ser reducionista ou simplista com relação ao que representa o terrorismo na contemporaneidade, mas aponto a educação como uma das causas da tragédia americana.

O terrorismo não é de hoje. Já em 1836 se falava em terrorismo na Europa enquanto emprego sistemático da violência para fins políticos, especialmente, a prática de atentados e destruições por grupos cujo objetivo era a desorganização da sociedade existente e a tomada do poder. O terrorismo também pode ser entendido como atitude de intolerância e de intimidação adotada pelos defensores de uma ideologia, sobretudo nos campos literário e artístico, em relação àqueles que não participam de suas convicções. É sobre essa faceta cultural do terrorismo que desejo fazer uma reflexão mais demorada.

Quero, aqui, analisar os motivos que aproximam o terrorismo político e o terrorismo pedagógico, sustentando a tese de que, assim como o fenômeno Auschwitz, onde pelo menos 2,5 milhões de pessoas foram duramente massacradas, e que levou a Alemanha a rever seu sistema educacional no pós-Guerra, o fenômeno NY deveria levar, também, as autoridades norte-americanas a repensarem sua educação política após a destruição do World Trade Center e parte do Pentágono.

A tragédia, no centro do mundo, merece um demorado olhar dos educadores e de todos que operam com a alma coletiva. Todos devem ter uma compreensão do fenômeno do terrorismo político e de suas manifestações desagregadoras como resultantes de um longo processo de formação de atitudes no meio escolar.

No caso dos Estados Unidos, o terrorismo está há muito presente no cotidiano norte-americano. Vez por outra, vemos, na mídia, o que tem acontecido com as *high schools* (escolas de ensino médio). As *high schools* americanas são as principais responsáveis pelo ambiente feroz na escola e pelo clima tenso e beligerante sobre as minorias dentro e fora dos Estados Unidos. São esses modelos de instituições de ensino que forçam seus alunos a se agruparem de acordo com o prestígio e seus talentos. Quem não segue as regras e os ritmos dessas "escolas nobres" são considerados perdedores.

Quando os jornais do mundo inteiro estampam em suas manchetes que Bush promete vingança e que os Estados Unidos vão entrar numa monumental luta do bem contra o mal, esse clima de resposta automática não é obra de ocasião, mas vem do aprendizado da beligerância adquirido no meio escolar.

Não há como separar terrorismo político do terrorismo pedagógico, presente nas instituições de ensino, de modo a exigir, de todos nós, uma discussão e uma reflexão a fundo sobre o papel social da escola na formação de valores de crianças e adolescentes, que vai muito além da preocupação de professores, alunos e pais com os altos escores alcançados nos vestibulares. Ainda que a primazia nas provas seja a cobrança do aprendizado dos conhecimentos formais, a tolerância recíproca, o respeito às diferenças, enfim, o desenvolvimento humano deve ser o principal objetivo da educação pós-moderna.

O primeiro sinal do terrorismo pedagógico, que nasce na escola e que pode chegar ao centro do mundo, através do terrorismo político, está na prática dos docentes. A realidade no meio escolar indica que muitos professores são mais instrutores e menos educadores e o mais grave: muitos são maus professores, capazes de cometer muitas atrocidades contra seus próprios alunos. Em Auschwitz, nos relata Adorno, em seu *Dialética do Esclarecimento*, muitos professores judeus, vítimas do genocídio, reconheciam durante execuções, seus ex-alunos entre os soldados mais ferozes.

O terrorismo psicológico, envolvendo agora toda a civilização moderna, não é diferente do terrorismo político. O terrorismo psicológico, bem exemplificado na ameaça de vingança de Bush, é sinal de intransigência de atitudes de quem patrocina a barbárie ou de quem a sofre na pele.

Quando as pessoas, sejam políticos ou professores, embargam a voz, algumas vezes pode não significar emoção, mas repressão que logo se lançará, como flecha, num alvo certo: os seres humanos. Todos os dias, nas escolas do mundo inteiro, são destruídos *Worlds Trades Centers* e *Pentágonos* no coração e na alma das crianças, adolescentes e adultos.